



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023**

A LITERATURA SERTANEJA EM FIDALGOS E VAQUEIROS

Karolaine Carvalho do Carmo¹; Claudio Cledson Novaes²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: karol1234480@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: literatura; sertão; paisagem.

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada: *A literatura sertaneja em fidalgos e vaqueiros*, acrescida de um subtítulo para melhor delimitar o trabalho de pesquisa com a permuta de uma palavra-chave: cultura/paisagem definiu a proposta de mapeamento crítico e teórico da análise da obra de Eurico Alves Boaventura. Desse modo, a pesquisa passou a ser intitulada *A literatura sertaneja em Fidalgos e vaqueiros: A paisagem idílica do sertão na poética de Eurico Alves*, a qual está alinhada ao Projeto *Arqueologia da civilização pastoril sertaneja: Estudos para edição revista e comentada do livro Fidalgos e vaqueiros de Eurico Alves Boaventura* (Resolução do CONSEPE 047/2022), sob coordenação do Professor Doutor Claudio Cledson Novaes.

Esta pesquisa propõe uma leitura de *Fidalgos e vaqueiros* numa perspectiva literária, histórica, sociológica e memorialística, para se entender o ensaio histórico-social realizado pelo escritor modernista baiano Eurico Alves, que se torna fundamental para compreender a formação do território econômico, cultural e literário denominado de Sertão.

O objetivo principal é apresentar alguns diálogos do autor com a literatura, a partir do seu projeto histórico, mapeando nesse estudo as ocorrências de citações da literatura sertaneja brasileira, desde as obras românticas até clássicos modernistas, fazendo um levantamento das referências de obras literárias apresentadas por Eurico Alves, através de fichamentos de citações, considerando as contribuições literárias de outros autores para a construção do ensaio histórico do escritor feirense. A partir disso, os objetivos se desdobram também em focalizar, na pesquisa comparativa, como os estudos desenvolvidos pelo poeta baiano para escrever seu ensaio dialoga com o repertório da sua própria obra literária de tema sertanejo, através da leitura de um poema e uma crônica que apresentam paisagens geográficas, etnográfica e imaginárias do escritor.

A análise comparada do discurso social com a literatura produzida por Eurico Alves tomou como exemplo o poema *Elegia para Manuel Bandeira*, um texto clássico da sua obra, poema no qual ele convida o poeta modernista pernambucano residente no Rio de Janeiro a passar uma temporada no sertão de Feira de Santana, recebendo também a resposta na forma poética divertida do outro modernista convidado. Como exemplo de análise da sua narrativa sertaneja entre a história, a memória e a paisagem poética foi analisada a crônica *Sob o ditame de Rude Almajesto*, na qual o autor se dedica a registrar a memória do homem sertanejo sobre as previsões de chuva, texto literário que teve uma adaptação cinematográfica pelo cineasta moderno, também feirense, Olney São Paulo, no documentário *Sinais de Chuva* (1976), ambos atribuindo à literatura um papel de

representação do imaginário coletivo.

Nessa perspectiva foi observada a representação sertaneja na poética de Eurico Alves, para compreender como os aspectos da linguagem em *Fidalgos e vaqueiros* dialogam com a literatura deste autor, além de outros textos da literatura regionalista brasileira, projetando no imaginário literário a paisagem idílica e imagética do sertão.

O ensaio somente foi publicado em 1989, quase trinta anos após sua realização e mais de 10 anos após a morte do autor. Mesmo sendo um estudo clássico, fundamental sobre a formação da cultura pastoril brasileira, é praticamente desconhecido dos mais jovens pesquisadores, passando por um processo de apagamento. Isso explica a visibilidade reduzida da sua tese, o que impede que pesquisadores e leitores conheçam e utilizem suas pesquisas sobre o sertão.

Os elementos históricos em forma épica do ensaio *Fidalgos e vaqueiros* apresentam aspectos da civilização do pastoreio, desde os primórdios coloniais com as primeiras conquistas dos territórios do interior, até a decadência das portentosas casas-de-fazenda com a urbanização no século XX, mas permanecendo no imaginário literário como emblema da formação rural da cultura brasileira. Parte daí o objetivo da pesquisa de perceber uma quebra de expectativa do imaginário social estereotipado em *Fidalgos e vaqueiros*, pois pode-se ler nessa obra, para além do sertão apenas como um espaço decadente, seco e miserável e reconstituir o espaço através da visão de Eurico Alves, que valoriza as histórias e tradições sertanejas no projeto de interpretação nacional.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A primeira etapa da pesquisa consistiu em um processo de crítica textual, a partir da leitura de *Fidalgos e vaqueiros*, assim, foram observados, além do conteúdo dos estudos, a estrutura da obra. Posteriormente, foram feitos os fichamentos de citações referentes às obras literárias brasileiras que Eurico Alves cita na construção do seu ensaio. A estrutura de organização das referências exigiu um trabalho minucioso para a pesquisadora, haja vista que a primeira etapa da pesquisa científica consistiu em fazer o levantamento das obras literárias brasileiras que são citadas no ensaio e fichamento das citações que confirmam as obras destacadas nas referências.

Posteriormente, foram realizadas as demais leituras, as quais destacam-se: *Fidalgos e vaqueiros* (1989), de Eurico Alves; *A poesia de Eurico Alves: Imagens da Cidade e do Sertão* (1999), organizado por Rita Olivieri-Godet; *Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia* (2009), de Valter Guimarães Soares; o dossiê *O sertão de Eurico Alves*, organizado para a Revista *Légua & Meia* (2009); o livro *Cartas de Eurico Alves: fragmentos da cena modernista* (2012), do autor Juraci Dórea e o livro de narrativas *A Paisagem urbana e o homem – memórias de Feira de Santana* (2006), de Eurico Alves. A partir dessas leituras, foram realizados fichamentos de citações com alguns trechos de autores que abordam a temática trabalhada. A partir disso, iniciou-se o processo de escrita do artigo. Por fim, foram analisadas as obras literárias, fazendo um estudo comparativo entre a poética – o poema e a crônica – do escritor feirense e o seu ensaio *Fidalgos e vaqueiros*, a fim de perceber a problemática da representação da paisagem sertaneja em suas obras.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

No poema analisado, intitulado *Elegia para Manuel Bandeira*, foi possível perceber que Eurico Alves, através do eu-lírico do poema-carta, apresenta uma visão crítica dos centros urbanos enquanto exalta a vida pastoril em Feira de Santana, iniciando o poema em tom de hino que engrandece a natureza e sua relação com o homem e, além disso, estimulando reflexões filosóficas acerca da vida através de uma linguagem poética.

Além disso, na obra, percebe-se a personificação da natureza que, majoritariamente, é comparada à mulher, representando sensualidade. No entanto, às vezes é comparada ao homem, representando símbolo de virilidade. Nessa perspectiva, muitas vezes a natureza é recriada a partir do erotismo do corpo feminino e suas carícias, sendo uma paisagem humanizada que envolve o sertanejo em seus braços e o acalanta nesse paraíso. A representação feminina fornece vestígios do processo de miscigenação daquele contexto. Foi possível perceber que as obras de Eurico Alves retratam a figura da mulher indígena através do erotismo e sensualidade, o que indica o contexto problemático da época, pois “a Índia foi pasto em que se sevou a lascívia do homem branco” (BOAVENTURA, 1989, p. 74).

A figura do vaqueiro é representada tanto no poema quanto na crônica, como elemento que compõe a paisagem pastoril. O autor se intitula como vaqueiro e demonstra orgulho em ser sertanejo, que ao passo que é homem simples e humilde, é também cheio de conhecimento. Em *Fidalgos e vaqueiros* o autor discorre sobre a identidade nacional do homem sertanejo, demonstrando que o matuto é repleto de conhecimento sobre o sertão e a vida pastoril que faz parte do seu cotidiano. O autor valoriza a sensibilidade do matuto para com a natureza, as culturas e a sabedoria herdada pelos ancestrais, e repassada aos “tabaréus”.

Na crônica, percebe-se a relação do homem com a natureza, a qual se dá pela mediação de Deus, o Criador. Nessa perspectiva, Deus se comunica com o homem através da natureza e o orienta emitindo sinais através dos animais, das chuvas, do sol, da lua, das nuvens, do ar, do clima, da vegetação e de tantos outros fenômenos naturais. Assim, a relação entre Deus e o homem do campo revela conexão, que se manifesta no universo camponês através da natureza. A relação do homem com a natureza foi expandida na poética e no ensaio, demonstrando que ambos os seres são indissociáveis, compartilham o cotidiano, dividem a angústia causada pela seca, a qual afeta ambos, bem como dividem a alegria do florescimento e da fartura. Esse vínculo une o homem à Deus, pois o sertanejo O percebe na paisagem, e essa se comunica com o matuto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Através desse estudo comparativo entre a poética de Eurico Alves – o poema e a crônica – e o ensaio sociológico foi possível perceber a problemática quanto à representação do sertão. As informações geográficas e estéticas descritas no ensaio são retratadas na paisagem bucólica e pastoril da poesia e da prosa euriquiana. Além disso, as tradições e as culturas do sistema agro-pastoril permeiam os textos literários, bem como o ensaio.

O “tabaréu esquecido”, através da história e da memória, recria a paisagem do sertão baiano e reconta sob a perspectiva de fidalgo vaqueiro que percebe e vive as culturas do sertão baiano, tendo como base um amplo referencial teórico sobre a história e sobre a literatura. Esses diálogos literários contribuem para a construção de saberes e conhecimentos de Eurico Alves, ampliando as possibilidades de criação.

A sensibilidade da memória é representada nas obras através de uma linguagem figurada e poética que utiliza de muitos recursos linguísticos e estilísticos. O poeta feirense explora diversas figuras de linguagem na construção do seu texto, principalmente metáforas e aliterações, experimentando como os sons interferem na representação imagética pelas descrições do texto.

A paisagem sertaneja de Eurico Alves é construída sob a perspectiva idílica, fantasiosa e até utópica, pois o escritor feirense valoriza as tradições, a sabedoria, os costumes, as culturas e até as vivências cotidianas da civilização do pastoreio são vistas como singularidades de um universo que proporciona o ideal de uma vida terna,

valorizando a terra, observando o campo como um lugar bom, saudável, natural e tranquilo. O sertão de Eurico Alves é idealizado, romantizado e representado a partir da concepção idílica da paisagem sertaneja, valorizando o campo através das memórias poéticas desenvolvidas naquele espaço.

Desse modo, diferente de muitos autores que apresentam apenas a decadência do sertão, reforçando os estereótipos sobre esse espaço, Eurico Alves Boaventura o valoriza, dando maior enfoque aos aspectos positivos. Por fim, ressalta-se que esta pesquisa não é considerada acabada, haja vista que ainda há muitos aspectos a serem explorados no *corpus*, bem como um grande acervo literário do autor que dispõe de obras que valorizam o sertão e que podem ser investigadas na continuação ampliada do projeto.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Editora Massangana, 2001.

BÍBLIA, A. T. Levítico. In: Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira Almeida. Edição Revista e Atualizada. 3ª Edição. Tatuí - SP: Editora CPB, 2021.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático/Universidade Federal da Bahia, 1989.

_____. *A Paisagem urbana e o homem – memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora UEFS, 2006.

COSTA, Antonio; RODRIGUES, Joventina; NASCIMENTO, José. As categorias “memória” e “memória da educação profissional” nas concepções de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, Brasil, v. 29, n.1, p. 59-75, jan./abr. 2020. Disponível em: . Acesso em: 12 jun. 2023.

COUTINHO, Afrânio. *O regionalismo na ficção*. In: COUTINHO, Afrânio (DIR.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.

DÓREA, Juraci. *Cartas de Eurico Alves: fragmentos da cena modernista*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990.

OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *A poesia de Eurico Alves: Imagens do Campo e da Cidade*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/EGBA, 1999.

REVISTA LÉGUA & MEIA: <http://periodicos.uefs.br/> - versão impressa: Ano 9, N 5, 2009.

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Feira de Santana: Editora UEFS, 2009.